

Primeiro trimestre de 97 será crítico para o Brasil

Raul Velloso afirma que o Governo terá que garantir sua credibilidade no exterior reduzindo os déficits público e comercial

Sérgio Marques/4-9-96

Flávia de Leon e
José Meirelles Passos

Correspondentes

NOVA YORK e WASHINGTON. O primeiro trimestre de 1997 será crítico para a credibilidade do Brasil junto aos investidores externos. Nesse período, o Governo terá que provar que vai baixar o déficit público para 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) ao ano e estabilizar o déficit da balança comercial. Só assim poderá dar o passo seguinte para a diminuição do chamado "risco Brasil", aumentando a segurança dos estrangeiros para aplicar no país.

A previsão é do economista Raul Velloso, que nesta semana debateu os problemas fiscais brasileiros com representantes de 15 instituições internacionais em Nova York, em seminário promovido pelo banco Fonte-Cidam.

— Até março teremos um período com muita especulação e instabilidade — disse ele.

Economista diz que não haverá fuga de investimentos

Em março, começarão a ser divulgados números que podem ser usados para projetar o resultado anual de 1997. Até lá, disse o economista, será muito difícil que os investidores acreditem que a economia brasileira estará melhor. Mas, segundo ele, esse período de turbulência não significará fuga de investimentos.

— Eles (os investidores) não vão tirar dinheiro do Brasil. O que talvez não façam é botar mais dinheiro e na velocidade com que estavam fazendo — afirmou.

Segundo ele, o Governo tem todas as condições de alcançar a meta de 2,5% de déficit público, o item mais importante quando se trata de mostrar ao exterior que as contas do país estão equilibradas. A receita inclui um crescimento não inferior a 4%, manutenção da política de reajuste do salário-mínimo e reajuste do salário do funcionalismo pela inflação projetada.

A balança comercial, disse o economista, deve fechar 1997 com um déficit entre US\$ 6 bilhões e US\$ 7 bilhões, de acordo com projeções feitas pela equipe do economista depois de excluir dos atuais resultados fatores sazonais, como o aumento das importações para suprir o mercado de presentes de Natal, e pontuais, como a importação de petróleo para formação de estoque.

— Perguntei o que o mercado acha de um déficit de US\$ 6 bilhões a US\$ 7 bilhões e eles (os investidores) disseram que esse número o mercado absorverá bem — contou Velloso.

Mas ainda há outro fator que os investidores e agências de classificação como a Moody's e a Standard & Poor's acompanham com interesse. São as reformas constitucionais, principalmente a administrativa e da Previdência. O Governo brasileiro prometeu que as faria e, mesmo que tenham surgido questionamentos

sobre a necessidade dessas reformas, o mercado externo trata o assunto como um compromisso assumido pela administração federal e até agora não cumprido.

— O Governo tem que se livrar das armadilhas que ele mesmo criou e corre o risco de ter que aprovar uma reforma fajuta só para dizer que aprovou.

Déficit não abalou confiança do mercado internacional

As notícias sobre o grande salto no déficit comercial do Brasil, em outubro, no entanto, não abalaram a confiança do mercado internacional. Os investidores em Nova York e Londres apostam que o Real sobreviverá.

O consenso é de que a economia brasileira vai bem, e que o desequilíbrio na balança é resultado de efeitos sazonais, em especial a grande aquisição de equipamentos e outros bens de capital pelas empresas nacionais.

Armínio Fraga, ex-diretor do Banco Central, hoje na direção de um banco de investimentos, o Soros Fund Management, disse que não há pânico no mercado. Mas comentou que seria bom esperar cerca de dois meses para se ter uma visão mais apurada da situação. Ainda assim, disse que, em princípio, o aumento das importações é um sinal de que a economia está forte.

— O resultado de outubro não é nada para apavorar, mas sim algo para se observar. Ele é saudável, até certo ponto. Está dentro da normalidade e talvez ajude o pessoal lá em Brasília a continuar o processo de reformas — disse.

Num informe distribuído aos investidores ontem, a financeira Bear Stearns reafirmava sua perspectiva otimista para a economia brasileira. O texto diz: "O Brasil está crescendo mais forte do que o consenso, com um impacto normal no déficit comercial".

Além disso, alerta para uma certa demora na reforma fiscal. "Está havendo um progresso fiscal, mas ainda levará alguns anos para que esse setor se consolide. E isso faz com que a continuidade política seja a principal chave para o êxito do Plano Real a longo prazo", disse o informe.

Em Londres, o Deutsche Bank emitiu uma análise afirmando que uma grande porção do déficit do Brasil reflete novos volumes de investimentos estrangeiros. Além disso, os economistas definiram o recente aumento das importações como resultado natural do crescimento do país.

"Estamos mais otimistas do que a maioria sobre a imediata perspectiva fiscal do Brasil. Em relação ao alargamento da conta corrente, consideramos isso mais como um corolário natural de reformas estruturais com êxito do que uma máscara da desgraça", diz o texto. "Mas é claramente necessária uma nova etapa da reforma fiscal, apesar do crescimento da dívida do setor público continuar lento no próximo ano", conclui o informe. ■



O ECONOMISTA Raul Velloso: é preciso reduzir o 'risco Brasil' para aumentar a segurança dos estrangeiros em relação aos investimentos que farão no país